Mídia e politização de identidades: Dilemas na construção de um “nós” entre os moradores de favelas¹

Simone Maria Rocha²

Resumo: *Este artigo visa refletir acerca dos dilemas enfrentados na constituição da identidade coletiva de moradores de favelas, tendo em vista um elemento central: a relação que discursos dos media estabelecem com a construção dessa identidade. Para tanto, faremos uma discussão sobre o papel dos media na sociedade e sobre a noção de identidade a partir do conceito de interação. Ressaltaremos a importância política de reconhecer-se enquanto grupo para empreender ações coletivas que visem a ruptura dos padrões de desrespeito, o preconceito e a discriminação pelos quais esses indivíduos são sistematicamente submetidos.*

Palavras-Chave: *Identidade coletiva; Mídia; Moradores de favelas*

Introdução

Os estudos sobre a noção de identidade estão cada vez mais integrados aos estudos das práticas democráticas. Muitos autores (Gutmann, 2003; Melucci, 1996) têm apontado o valor da identidade coletiva para gerar diferentes efeitos democráticos tais como contribuir na conquista do respeito e estima social; tematizar danos e opressões sofridas como condições estruturais; sustentar debates da esfera pública; exercer pressões nas instâncias políticas formais e estabelecer negociações com os representantes políticos. Diversos autores têm destacado a importância dos indivíduos em desvantagem se organizarem e promoverem ações coletivas para combater representações degradantes, discriminações, preconceitos e injustiças (Fraser, 1997; Warren, 2001; Gutmann, 2003). Isso porque indivíduos isolados são pouco eficazes no alcance dos efeitos democráticos acima referidos.

Contudo se, como dissemos, por um lado, indivíduos isolados são praticamente ineficazes na conquista de seus interesses, por outro, não se pode submetê-los aos grupos ou às identidades coletivas sob o risco da tirania. Para Gutmann:

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Comunicação e Política”, do XVI Encontro da Compós, na UTP, em Curitiba, PR, em junho de 2007.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG. E-mail: smarocha@ig.com.br

Grupos de identidade ocupam um lugar difícil na democracia. Críticos enfatizam o quanto grupos de identidade pressionam mais do que liberam indivíduos. Quando pessoas são identificadas como preto ou branco, homem ou mulher, irlandês ou árabe, católico ou judeu, surdo ou mudo eles são estereotipados por raça, gênero, etnia, religião e, dessa forma, lhes é negada uma certa individualidade que provém de seu próprio caráter distintivo e uma liberdade para se afiliarem como vêem mais adequado. Quando indivíduos identificam a si mesmos racialmente, etnicamente ou religiosamente como consequência de serem identificados com grupos, com frequência desenvolvem hostilidades em relação a outros grupos e um senso de superioridade em relação a eles. Grupos rivalizam-se uns contra os outros de formas descompromissadas sacrificando justiça e mesmo paz para reivindicar sua superioridade enquanto grupo (Gutmann, 2003, pág.1).

Esse conflito mostra o quanto identidades coletivas podem ser importantes para fazer avançar a justiça democrática, contribuir na conquista do respeito e da estima social, mas não podem ser concebidas como um fim em si mesmas. No caso específico da análise proposta – o dos moradores de favelas – o que nos parece mais admissível seria pensar numa identidade atribuída por outros grupos, frequentemente com sentidos depreciativos cuja tentativa de valorização, feita pelos grupos mais organizados, procura diversificar os olhares, oferecer novas interpretações, resgatar a auto-estima do morador de favela através da reconstrução de sua imagem, tão estereotipada. Geralmente as tentativas de criar uma identificação e a consequente luta política que daí se pode empreender advém dos atores já engajados em movimentos sociais organizados nessas comunidades, uma vez que os indivíduos, moradores de favelas, ainda não estabelecem esse nível de identificação e articulação discursiva. E sabemos o quanto esse reconhecimento³ é fundamental para processo político de construção de uma identidade e para as conquistas que ele pode alcançar. Como aponta Maia (2000, pág.9),

³ Essa discussão sobre o tema do reconhecimento, tal como apresentada e discutida por Honneth não é objeto específico desse artigo, mas é pano de fundo para o projeto que estamos desenvolvendo atualmente sob o título "Comunicação, cultura e política: dimensões da representação" que conta com o apoio do CNPq. Esse projeto tem como principal objetivo refletir sobre a importância de se discutir as diferentes formas de representação e padrões de visibilidade conferidos aos moradores de favelas nos *media* e sua possível contribuição na luta por reconhecimento empreendida por esses sujeitos nos três diferentes níveis: individual, legal e social. Segundo Honneth todas as lutas sociais por justiça possuem uma dimensão moral que nasce da comunicação intersubjetiva, ou seja, as reivindicações de direito, igualdade e de valorização social se dão a partir dos quadros sociais compartilhados. Isso significa conferir importância às interações cotidianas, à luta intersubjetiva aí travada, considerada por muitos como pré-política. Mas, este autor a construção da política e da justiça se fazem cotidianamente e passa pela construção da identidade. A estima social – uma das três dimensões do reconhecimento – está entre as condições de intersubjetividade não distorcidas para a formação de uma identidade positiva (Cf. Honneth, 1995).

Chegamos, a uma perspectiva na qual se confere uma ênfase mais forte ao processo relacional inerente à constituição das identidades. Um ator coletivo não pode construir sua identidade independentemente de seu reconhecimento por outros atores sociais e políticos. A identidade se constrói, em grande parte, através do problema interligado de auto-conhecimento e reconhecimento (ou não reconhecimento) pelos outros.

Cabe aqui destacar a importância dos *media* nessa dinâmica de construção identitária. Nossa premissa é a de que os *media* são instância discursiva capaz de organizar e divulgar as mais diferentes opiniões e expressões e representam uma mediação fundamental cuja habilidade de filtrar, mediatizar e enfatizar determinados temas oferece perspectivas, modela imagens, contribui na formação de identidades e incita a criação de contextos políticos e sociais de interação e debate (Reis, 2004; Rocha, 2006; Marques, 2003).

Este artigo visa refletir sobre os dilemas enfrentados na constituição da identidade coletiva de alguns grupos, em particular os moradores de favelas, tendo em vista um elemento central: a relação que discursos dos *media* estabelecem com a construção dessa identidade. Para tanto, faremos uma discussão sobre o papel dos *media* na sociedade e sobre a noção de identidade a partir do conceito de interação. Ressaltaremos a importância política de reconhecer-se enquanto grupo para empreender ações coletivas que visem a ruptura dos padrões de desrespeito, o preconceito e a discriminação pelos quais esses indivíduos são sistematicamente submetidos. De modo a evidenciar empiricamente nossos propósitos, apresentaremos dois tipos de material empírico de diferentes naturezas: fragmentos de um grupo de discussão⁴ realizado com adolescentes moradores de uma favela de Belo Horizonte sobre os quatro primeiros episódios da Série Cidade dos Homens (Globo, 2002) e opiniões produzidas por moradores de favelas, também de Belo Horizonte, publicadas em sites construídos por moradores e não moradores de favelas com o intuito de criar novas possibilidades de construção de sentidos acerca daqueles sujeitos. A referida Série foi escolhida por que, a nosso ver, se caracteriza por um esforço de interpretação que privilegia uma abordagem inovadora do modo de vida de moradores de favelas, evidenciando seu cotidiano e desafios por eles enfrentados. Já os sites consultados constituem-se em iniciativas de associações de moradores de favelas que procuram criar seus próprios discursos com o objetivo de oferecer novas possibilidades através das quais eles possam ser vistos e conhecidos.

⁴ A respeito de nossa abordagem específica sobre grupo de discussão cf. MARQUES e ROCHA, 2006.

A Mídia: um jogo de “morde e assopra”?

Não podemos negligenciar o fato de que as representações exibidas nos *media* tendem à reprodução de estereótipos socialmente consolidados. No caso dos moradores de favelas uma observação, ainda que despreziosa, permite ao espectador identificar alguns padrões discursivos pelos quais esses sujeitos e os locais onde moram são comumente tornados visíveis. Bem sabemos que esses padrões de visibilidade não surgem no interior dos próprios *media* como fruto da imaginação de seus produtores. Estudos realizados na Antropologia, por exemplo, mostram que a favela vem sendo comumente interpretada como: o lugar da violência e do tráfico de drogas, o lugar da falta (ausência) e do caos e um problema social⁵. Sendo assim, esses discursos sobre a violência, o tráfico, criminalidade, a ausência de infraestrutura, de mecanismos de aplicação da lei e de perspectivas de vida, sobretudo para a população jovem, encontram acolhida em reportagens e matérias de diversos jornais, revistas, noticiários e outros programas de televisão e de rádio. No caso da violência, por exemplo, apesar de ela ser vista em qualquer lugar das cidades, a favela tem sido o lugar privilegiado pelos *media* para retratá-la⁶. Apenas a título de exemplo, programas como Linha Direta e Globo Repórter (TV Globo) já tiveram as favelas como tema e primaram por enfatizar os discursos acima mencionados adotando uma narrativa que privilegia as situações de violência, o medo, as ações criminosas.

Contudo, não podemos deixar de evidenciar que uma relativa pluralidade nesse ambiente dos *media* e identificar produções com a explícita intenção de modificar tais estereótipos. Nas últimas décadas, muitos pesquisadores (Blumler e Gurevitch 2000; Dalghren, 1993; Norris, 2000; Maia, 2004; Thompson 1998) vêm evidenciando que parte significativa das relações que os sujeitos estabelecem com o mundo em que vivem – para além de suas interações face a face – tem se realizado através dos *media*. Como exemplo

⁵ No caso dos moradores de favela, o imaginário social brasileiro dominante interpreta o “favelado” como um tipo social homogêneo e a favela como lugar de ausência, violência e caos social. A favela é quase sempre definida pelo que ela não teria: um lugar sem infra-estrutura urbana — água, luz, esgoto, coleta de lixo —, sem ruas pavimentadas e bem delimitadas, globalmente miserável, sem ordem, sem lei, sem regras, sem moral, enfim, o lugar da carência, do vazio, do perigo. Muitos autores (ZALUAR; ALVITO, 2003; RINALDI, 2003; ZALUAR, 2004, 1997) já apontaram para esta questão da estigmatização e rotulação sofrida por estes indivíduos moradores de favela. Há, para estes autores, uma espécie de imaginário preconceituoso, alimentado tanto por aqueles que moram, mas não querem ser associados à favela quanto pelo poder público, como ainda pelos que lá não moram.

⁶ Para essa discussão sobre a favela como espaço social complexo e alvo de rotulações e estigmatizações cf ROCHA, 2005.

dessa pluralidade podemos citar a Série Cidade dos Homens: uma narrativa ficcional que aborda a vida de dois adolescentes – Laranjinha e Acerola –, seu cotidiano na favela e os problemas enfrentados, como a violência, a carência material, a falência do ensino público, o preconceito social e racial, dentre outros. No nosso entendimento, esse programa mostra os moradores de favelas de um modo mais complexo, que escapa a associações mecânicas que ligam violência e criminalidade às favelas, sem levar em conta quaisquer outros elementos.

Frente a tal ambigüidade torna-se possível indagar acerca da contribuição que essas produções midiáticas poderiam dar à construção de identidades, às reflexões em relação ao conhecimento do “nós” e do “outro” e ao reconhecimento de uma possível identidade dos moradores de favelas como um grupo socialmente reconhecível por seus próprios membros.

A identidade dos moradores de favelas: ser ou não ser...

É consenso afirmar que no âmbito das Ciências Sociais o renovado estudo da noção de identidade tem ganhado importância. A ruptura com conceitos tradicionais da Sociologia que definiam identidade de um grupo a partir ou da posição de seus membros no quadro antagônico entre capital e trabalho ou das representações coletivas socialmente compartilhadas, permitiu que os estudos mais recentes procurassem entender a noção de identidade a partir de outro prisma. O conceito de interação, abordado segundo a acepção de H. Mead (1934) é tomado aqui como central para esse entendimento, qual seja, o fato de que os indivíduos entendem a si próprios e reconhecem aos outros tendo em vista a construção recíproca de sentidos a partir das interações cotidianas. Todo o processo de interação é constituído pelo reconhecimento mútuo e quando esses acordos intersubjetivos são violados ou rompidos entram em cena os conflitos sociais. Nesse sentido afirma Santos (1998, pág.151):

Desta nova perspectiva, passou-se a afirmar que indivíduos constroem suas identidades e que a manutenção destas identidades depende do processo resultante das interações mantidas por estes indivíduos no processo de compreensão de si próprios e de suas intervenções na realidade. Identidades coletivas passaram a ser compreendidas a partir não só de um agregado de interações sociais, mas também da razão político-estratégica de atores sociais.

A identidade não é um produto acabado. É uma construção sócio-histórica que se dá em virtude dos diversos ambientes sociais, dos sentimentos e interesses compartilhados, das tentativas de se diferenciar dos demais e de apreender cognitivamente a si mesmo – o que implica numa dinâmica segundo a qual o vínculo entre si e os demais parceiros é sempre mediado pela presença do Outro. Evidentemente que nessa dinâmica identitária precisam ser incluídas as tensões e os dilemas que constituem o mundo comum. Como já dissemos, o “eu” e o “outro” não são produtos prontos restando apenas serem conectados por um nexo que os atraia. São construídos e vinculados no curso das interações. Nenhuma identidade pode ser definida *a priori* como um estar-junto num território ou numa Religião, mas, antes de tudo numa troca, onde os sentidos do “nós” e do “outro” e o reconhecimento mútuo são construídos e atualizados e não advindos de um lugar determinado (Taylor, 1994; Hall, 2000; Woodward, 2000).

O ponto a ser enfatizado para avançarmos no argumento aqui pretendido é que essa questão sobre a identidade tem ganhado vulto e importância significativas nas últimas décadas com a presença hegemônica dos conteúdos midiáticos na estruturação das representações e ações sociais (Barker, 2003; Marques, 2003; Hall, 1997). Na cena midiática indivíduos vêm e são dados a ver numa infinidade de grupos e realidades e, desse modo, podem (re)conhecer um “outro” que até então lhe era desconhecido. Contudo, nem sempre essa representação se faz de modo favorável aos mais diversos grupos. Tal é o caso dos moradores de favelas e de suas comunidades. Como dissemos em seção anterior, o modo privilegiado com o que se enfatizam a violência, o crime, o tráfico de drogas e outras formas degradantes daquele ambiente, não parece contribuir para o (re)conhecimento de sujeitos comuns, merecedores de estima social e respeito. As conseqüências de tais enfoques são inúmeras. Dentre elas podemos evidenciar certa dificuldade que indivíduos, moradores de favelas, demonstram em se reconhecerem como tais e se engajarem numa luta pela construção de uma identidade mais positiva. Este fato revela um conflito entre, por um lado, a importância de se sentir pertencente a alguma coletividade que acolha e proteja os indivíduos e, por outro, o desejo de não se ver atrelado a um grupo que tem sido visto sob o estigma da violência, da marginalidade e da chaga social. Eis, portanto, o dilema: entrar ou não nesse discurso, partilhar ou não dessa identidade. Se, num primeiro momento, sabemos que as lutas para romper com discriminações, questionar padrões de desrespeito e de visibilidade inadequados, combater injustiças só são possíveis a partir do reconhecimento

mútuo entre os membros do grupo e das ações coletivas por eles empreendidas, num outro momento há de se pensar no ônus do preconceito e da estigmatização que o ato de se reconhecer como um morador de favela acarreta. Isso traz implicações importantes para se pensar acerca dessa identidade, pois, segundo Maia (2000, pág.6),

(...) a identidade coletiva implica um certo nível de percepção consciente pelos membros de um grupo, algum grau de reflexão e alguma articulação, algum sentimento emocional positivo ou negativo em relação às características que os membros do grupo percebem compartilhando entre si e, assim, se diferenciando de outros grupos.

Queremos, aqui, apontar para dois níveis de construção dessa identidade. O primeiro, seria um nível individual segundo o qual os sujeitos não se reconhecem enquanto moradores de favelas, mas morador de tal favela e aí falam do orgulho de morar neste lugar específico. Acusam o discurso dos *media* de generalizar e se defendem dizendo: “aqui não é assim”. Ressentem do fato de os discursos dos *media* não evidenciarem as particularidades dos lugares. Durante a realização de um dos grupos de discussão, após assistir a exibição dos episódios da Série Cidade dos Homens, pudemos ouvir os seguintes argumentos:

Cleber: Eu acho que a criminalidade ocorreu no programa inteiro. Mas também acho que nem todas as favelas é desse jeito, principalmente onde moramos. Não mostra o lado positivo porque em favelas também têm pessoas responsáveis, trabalhadoras e principalmente honestas. Por causa de alguns, acusam todo o bairro em geral, como se aqui tivesse um bando de pessoas sem o que fazer, traficantes, ladrões, assassinos e mal-caráter. Sendo que, na verdade, não é assim.

Wellington: Na Série Cidade dos Homens mostra mais a realidade das favelas do Rio de Janeiro, tipo autoridades dos malandros lá dentro, decidindo o que é melhor para a comunidade(...). Também mostra outra realidade que é crianças que já estão andando armadas e usando drogas, e que entram nessa vida porque talvez, seja até culpa do governo, que pode ter esquecido da favela. Talvez lá teria uma boa diminuição do tráfico se o governo de lá colocasse programas iguais aos daqui, igual ao Agente Jovem, dando apoio aos jovens para fazer alguma coisa que desse lucro no futuro. Aí, talvez, as favelas de lá seriam igual as favelas daqui, que não tem malandro controlando o morro inteiro. (Grupo de discussão, Barragem Santa Lúcia, Belo Horizonte).

É possível pensar que essa distinção entre “lá” e “aqui” seja uma tentativa de desestabilizar um “nós” que os identificasse enquanto um grupo homogêneo sob o signo de “moradores de favelas”. Sendo assim, quando perguntamos o que pensavam acerca da

violência no morro, a partir do que viram na Série, o debate ocorrido entre os adolescentes moradores da favela de Belo Horizonte chamou-nos a atenção. Isso porque esses participantes procuraram expressar que os episódios mostram uma realidade lhes que causa estranhamento, justamente porque ainda atrelavam-na a uma representação que não pode ser generalizada, uma vez que permanece ligada ao que o senso comum designa como “a favela carioca”.

Carlos: Bom, aqui (em BH) é menos, aqui é diferente, aqui é menos perigoso do que lá (RJ). Eu estou falando menos perigoso assim, menos violento. Lá o tráfico é mais pesado do que aqui. Não tem como falar que não é.

Moderadora: Vocês acham que lá o tráfico está mais presente...

Ana: As gangues são mais perigosas. Igual, por exemplo aqui também tem gangues rivais que nem igual o Morro e lá em baixo, mas não são tanto assim não. Não pode nem passar, atravessar, tem gente que mora lá embaixo e não pode subir aqui em cima. Aqui não tem o comando que tem lá, na boca...

Mara: Mas, eu discordo de vocês dois, porque o que a gente tá vendo é o que a mídia tá mostrando, a gente não foi lá, não conviveu um dia lá, para saber como é que é lá. A gente vê aqui o que passa na televisão, entendeu?

Carlos: uma coisa que eu queria falar, porque eu não consegui concluir. A realidade é aquela como tá lá. Lógico, que nem você falou, que lá não é tudo aquilo. Mas tem um pouquinho daquilo sim. É lógico que tem seu lado beneficente, tem o Criança Esperança, projetos...

Ana: É. Um tráfico mais violento com certeza é. Não tem nem comparação Cidade dos Homens com aqui. Que nem eu falei que são gangues rivais pior do que aqui na Barragem, no Morro, aqui na favela. Nossa Senhora! Se eu morasse num lugar igual a esse dali, eu mudava. Igual, por exemplo, na Rocinha, no Rio de Janeiro, é aquela realidade mesmo. Porque na Rocinha tem que ter permissão pra tudo, pra entrar, pra sair, até polícia tem que ter permissão pra entrar lá. Toda vez que entra polícia lá pra trocar tiro com os bandidos, ou morre a polícia ou morrem os bandidos. (Grupo de discussão, Barragem Santa Lúcia, Belo Horizonte).

Importante observar o modo como os moradores da favela de Belo Horizonte falam sobre a condição dos moradores das favelas do Rio. Por viverem uma condição semelhante, poderíamos esperar que os adolescentes de Belo Horizonte interpretassem de um modo mais negociado aquilo que recebiam pela televisão. Contudo, esses adolescentes, não fizeram distinções que fossem satisfatórias. De modo muito tímido, procuraram relativizar a visão homogênea e fazer questionamentos. Não negociaram sua interpretação com um padrão de visibilidade que pretendia ser diferente e não identificaram a si próprios e nem a comunidade em que vivem com o que assistiram no vídeo.

Nesse ponto, é importante problematizar a existência do que estamos chamando de “moradores de favelas” enquanto um grupo com alguma homogeneidade, senso de pertença e

coletividade, ou seja, como uma identidade coletiva. Isso porque, quando trabalhamos a Série em debates com adolescentes moradores da favela partimos do pressuposto de que haveria entre eles uma identificação com um grupo, com um “nós” que criasse vínculo, um modo de ser e ver o mundo a partir do qual eles estabeleceriam as relações com os demais grupos. Não foi bem assim. Vimos tentativas de diferenciação e afastamento e não de identificação e aproximação entre sujeitos que vivem condições de vida semelhante. Os adolescentes moradores da Barragem Santa Lúcia em Belo Horizonte buscaram se ver e se afirmar como diferentes dos que viviam na favela do Rio de Janeiro. Por certo, a visão que os adolescentes mineiros têm daquela favela carioca é, em grande parte, informada pelas mensagens midiáticas. Essas mensagens, bem sabemos, tendem, em sua maior parte, expressar o estereótipo ou o espetáculo da violência, do crime e do horror.

Contudo, tal resposta não é plenamente satisfatória. Isso porque constatamos que os moradores de favelas de uma mesma cidade – Belo Horizonte – procedem com o mesmo comportamento de diferenciar a própria comunidade das demais, identificando as outras como o lugar da violência, do crime, do tráfico. Em consulta a alguns sites produzidos por moradores e não moradores de favela em Belo Horizonte – que têm por objetivo dar voz ao próprio morador, como alguém capaz de falar de si e por si, e assim abrir possibilidades de novas interpretações acerca desses indivíduos – pudemos perceber o mesmo movimento de defesa, orgulho e referência ao local específico. O lugar onde se mora é concebido como uma comunidade com redes de solidariedade e ações coletivas, ao passo que os demais locais recebem as mesmas acusações de serem lugares de perigo e violência. O trecho abaixo foi retirado de uma entrevista concedida ao site “Ocupar Espaços”⁷ por Reinaldo Santana, coordenador de articulação do Criarte – um projeto cujo objetivo central seria o resgate das produções dos grupos culturais da favela do Aglomerado da Serra (BH):

Rachel Costa: Em relação à interação proposta pelo Ocupar Espaços, entre o Aglomerado da Serra e a Barragem Santa Lúcia – que não são áreas

⁷ Segundo informações no site “Identidade cultural, criação coletiva, expressão artística e tecnologia digital aberta e livre fazem parte do projeto Ocupar Espaços cujo processo resulta na criação de Circuitos Audiovisuais Interativos, ambientes instalados em praças públicas com projeções de imagens, instalações sonoras e comunicação em tempo real via internet. A idéia é estabelecer processos de produção e difusão de informação para intercâmbios sócio-culturais entre grupos étnicos de diferentes comunidades. O princípio é a constituição de estruturas autônomas para o exercício do direito universal de expressão e opinião, acesso a sociedade do conhecimento através das tecnologias digitais”. Disponível em www.ocupar.org.br e acessado em 09/01/07.

limítrofes e que são fisicamente separadas -, quais as expectativas de vocês em relação ao contato com outra comunidade pelo audiovisual?

Reinaldo Santana: Essa distância que hoje nos separa é só geográfica mesmo, porque a realidade em que vivemos é a mesma. Isso pode ser visto nos intercâmbios que temos feito entre as duas comunidades. É, também, um processo para que nós mesmos estejamos tirando um pouco daquela energia negativa que um espaço tem em relação ao outro: o pessoal da Serra sempre fala que a Barragem Santa Lúcia é perigosa e o pessoal da Barragem sempre diz o contrário. Então, quando a gente traz essa troca, quando um de lá, da Barragem, vem aqui, ou um de cá da Serra, vai lá, a gente vê que não há diferença. É a mesma coisa: não tem nada de perigoso, são preconceitos criados dentro das próprias comunidades. Tem uma frase que fala que o preconceito que assola a própria comunidade é o mesmo que traz o coquetel da maldade. É aquele que, às vezes você tem e, por isso, não vai conferir e quando você consegue ir e se libertar dessa resistência, vê que não tinha nada daquilo que pensava. Aí você vê que é a mesma coisa e que o que eles estão precisando é de articulação entre eles e entre nós, porque vivemos a mesma situação, o mesmo cotidiano.

Este trecho nos deixa claro que, embora os moradores vivam em condições semelhantes, consideram o lugar do “outro” como perigoso e violento e o quanto isso compromete a identificação dos moradores como um “nós”. Um dos vídeos do mesmo site mostra o depoimento do DJ Rei, morador do Algomerado da Serra,

Tenho 25 anos, sou natural de Belo Horizonte. Vou sobrevivendo até hoje como muitas pessoas sobrevivem, em um mundo que tem diversão, lazer, drogas e muita criminalidade. Eu sou um DJ, tenho um som. Minha vida praticamente é aqui dentro dessa comunidade. Eu me orgulho bastante de trabalhar aqui. Tenho que passar as coisas que aprendi na convivência na favela. Desejo de coração que Deus possa estar iluminando os nossos caminhos para que eu possa fazer a felicidade da comunidade. Uma das coisas que mais me orgulham.

O depoimento nos mostra o sentimento de pertença a uma comunidade e o orgulho de ser morador dela. E é a partir do envolvimento com esse “lugar” que podemos pensar o quanto o processo de identificação é tensionado e o quanto o delineamento de uma identidade coletiva de “moradores de favelas” depende da construção de um “nós” que surge quando os indivíduos, localizados e distribuídos dentro de um conjunto de interações, são capazes de se reconhecerem enquanto grupo.

O segundo nível de construção dessa identidade seria o nível coletivo. Particularmente movimentos sociais e ONG’s, tendo maior conscientização da importância

da mobilização política para que uma ação coletiva seja bem sucedida, se esforçam em construir uma identidade de moradores de favelas. Segundo alguns membros dessas organizações, os *media* não se preocupam em mostrar de modo adequado as ações comunitárias, a vida em comum levada pelas pessoas. Nesse ponto, algumas distinções são importantes. Primeiro, essas organizações não se esquivam da identidade de moradores de favelas, ainda que carregada de estigmas. Segundo, elas são mais capazes que indivíduos isolados para expressar publicamente o que consideram ser aspectos importantes da própria identidade e, assim, elaborar um contra-discurso mais consistente. Terceiro, tais associações se empenham em lutar contra discriminações ou outras injustiças sociais. Nesse sentido conseguem empreender ações mais efetivas, inclusive de inserção nos próprios *media*, pois.

Para que as novas interpretações e pontos de vistas se dêem a conhecer e provem a sua ‘relevância’, os indivíduos devem invocar e conferir um significado público para as suas próprias interpretações de quem eles são ou gostariam de ser; quais são suas necessidades e seus desejos; qual a definição de bem viver faz sentido para eles etc. Assim sendo, o ‘sentido’ precisa sempre ser reconstruído dentro da intersubjetividade, através do entendimento a ser alcançado e reconhecido pelos indivíduos (Maia, 2000, pág. 8).

Iniciativas como as do grupo Afro-Reggae da Favela de Vigário Geral e da ONG Nós do Cinema (RJ)⁸, dos vários grupos que constroem os sites na internet⁹, além de muitos outros movimentos – como o liderado pelo rapper MVBill – cada vez mais procuram ocupar o espaço dos *media* para se fazerem presentes e parte integrante da sociedade, falando por si mesmos e reconhecendo os problemas com os quais convivem, mas procurando mostrar que

⁸ Esse exemplo nos parece particularmente significativo, pois se trata de uma ONG que foi formada após as filmagens do longa Cidade de Deus que contou com elenco composto por jovens de comunidades de baixa renda. A “Nós do Cinema” possui vários projetos e cursos profissionalizantes e experiência prática em cinema. Os jovens participam de produções próprias e de estágios em grandes filmes. Um dos projetos desenvolvidos é o “Juntando Gente”: “o objetivo é reduzir o preconceito social entre diferentes classes sociais. Filmes como ‘Cidade de Deus’ e o seriado ‘Cidade dos Homens’ e outras produções são utilizados como estímulo para repensar a realidade das favelas, como esses espaços são retratados pela imprensa e indústria do entretenimento. A partir disso os participantes discutem mitos, preconceitos e estereótipos relacionados ao universo das favelas cariocas e da população. Esta iniciativa tem contribuído para promover o diálogo entre “o morro e o asfalto”. (Disponível em: www.nosdocinema.org.br e acessado em 06/04/06).

⁹ Como exemplo podemos citar o site Ocupar Espaços, uma iniciativa que envolve várias favelas de BH. E que “está sendo desenvolvido, no ano de 2006, em 04 comunidades da periferia de Belo Horizonte e tem como ponto de partida laboratórios de criação coletiva e discussões conceituais sobre a relação corpo e espaço, ciberespaço e acessibilidade, redes de softwares livre e Internet sem fio, participação e produção cultural. Os produtos audiovisuais, resultados desse momento, são exibidos e projetados simultaneamente em duas praças públicas da cidade como proposta de interatividade e comunicação” (disponível em www.ocupar.org.br e acessado em 09/01/2007).

nas favelas não existem apenas violência, a criminalidade e o tráfico de drogas como única fonte de sobrevivência econômica. Muitas dessas iniciativas procuram enfatizar a construção cultural e política desses lugares, as alternativas de vida ali existentes (como os cursos pré-universitários, as diversas oficinas e cursos profissionalizantes e várias outras lutas empreendidas junto ao poder público) contribuindo para revigorar o processo de formação dessa identidade coletiva do modo como julgam mais adequado. São formas que conferem voz a esses sujeitos que sempre foram submetidos a toda forma de desrespeito.

Bem sabemos que esse caminho de acesso aos *media* possui barreiras e dificuldades. O que queremos dizer é que a cena midiática não é um espaço franqueado, livre de quaisquer interesses e constrangimentos. Trata-se do contrário, ou seja, de um espaço assimétrico que requer competências e habilidades tanto para garantir a entrada quanto para assegurar a permanência nele. E sabemos que o espaço de visibilidade nem sempre se constitui de modo equilibrado e equânime e que nem sempre aqueles que o ocupam estão comprometidos em tornar disponíveis, ao conhecimento público, informações importantes e de interesse da coletividade. Mesmo assim, podemos perceber que tais vozes, mesmo que incipientes, parecem evidenciar o entendimento da condição desses “sujeitos políticos (...) múltiplos e heterogêneos que compartilham alguns princípios básicos sobre a participação popular, a cidadania e a construção democrática” (Dagnino, 1994, pág.111), num claro esforço dos grupos organizados em reverter esse quadro de preconceito e desrespeito. Esse é, sem dúvida, o caminho mais promissor para que esses cidadãos conquistem o reconhecimento devido.

Contudo, como já argumentamos anteriormente, os sujeitos comuns, moradores das favelas, ainda não estabelecem esse nível de identificação. Muitas vezes reproduzem os discursos hegemônicos sobre esses lugares para fazerem referência a uma outra favela, mesmo que da mesma cidade, mesmo que vizinha. Por isso torna-se difícil falar numa identidade de moradores de favelas. As falas coletadas nos grupos de discussão permitiram-nos analisar as tensões existentes entre o indivíduo e suas identidades de grupo; a ausência de reconhecimento mútuo entre os membros dos grupos estudados e as negociações entre eles.

Nossa tentativa aqui foi a de evidenciar o quanto essa é uma questão complexa, pois, em qualquer ambiente democrático os indivíduos devem ter garantida a liberdade de se identificarem e de se associarem ou não aos mais diversos grupos. E procuramos deixar claro ao longo dessa exposição o dilema enfrentado pelos moradores de favelas em se

identificarem com um discurso que os transforma em sujeitos indesejáveis socialmente, sobretudo a partir da visibilidade midiática segundo a qual eles tem se tornado conhecidos.

Sendo assim, se é indiscutível a importância e a centralidade dos *media* na comunicação contemporânea, o que seria preciso discutir são as formas pelas quais esses meios dão a conhecer sujeitos e realidades. Muitas vezes, do ponto de vista da produção, metáforas como “bandido”, “favelado” são muito apropriadas para organizar o discurso, para concatenar fatos e oferecer histórias coerentes. Mas, quando se trata de sujeitos concretos, em realidades sociais distintas, com histórias de vida nem sempre tão coerentes, tais metáforas perdem conteúdo substantivo, não representam filiação identitária, pois é mais do que plausível que tais sujeitos entrem num dilema e se recusem a pertencer a esse grupo envolvido em representações e referências tão degradantes.

Conclusão

Chegamos ao final deste texto diante de um impasse: só se consegue alguma ruptura nas formas arraigadas de preconceito, discriminação e desrespeito a partir das ações de sujeitos organizados coletivamente, identificando-se como grupo e reconhecendo-se mutuamente, oferecendo solidariedade e respeito mútuo a causas comuns. Contudo, vemos alguma dificuldade das pessoas que moram em favelas em compartilhar dessa identidade posto que reconhecer isso significa carregar o peso do estigma e da discriminação. A nosso ver, expressar publicamente o que se entende como opressão, discriminação ou injustiça é o caminho mais adequado e promissor para qualquer empreendimento coletivo que visa superar tais injustiças.

Não fizemos nenhuma análise mais detalhada, mas pudemos perceber que alguns sites tendem a ficar restritos a grupos específicos ou ainda detidos ao local. Por outro lado, vimos, também, algumas iniciativas que procuram aglutinar diferentes favelas e construir um projeto de fala que possa ser generalizável e que fortaleça esse sentimento de pertença. Contudo, os discursos midiáticos hegemônicos tendem a prevalecer sobre discursos alternativos que procuram negociar novos sentidos sobre os moradores de favelas. Mas, o que nos interessa destacar é o papel privilegiado dos *media* tanto nesses processos de cristalização como nos de alteração de sentidos socialmente partilhados. Sendo os *media* instância discursiva de ampla circulação, capaz de catalisar expressões políticas tanto institucionais quanto não

institucionais tal instância permite, por meio de suas narrativas, que se negociem novos sentidos para as identidades de forma cada vez menos essencialista e fechada, em outras palavras, oferecendo importantes subsídios para o reconhecimento, a solidariedade social, o respeito e a visibilidade aos quais os moradores de favelas têm direito e merecem.

Referências Bibliográficas

- BARKER, Chris. *Televisión, globalización e identidades culturales*. Trad. Bernardo Moreno Carrillo. Barcelona: Paidós, 2003.
- BLUMLER, J. ; GUREVITCH. Rethinking the study of political communication. In: CURRAM, James ; GUREVITCH, Michael (Ed.). **Mass media and society** . London: Edward Arnold, 2000.
- DAGNINO, Evelina. Os movimentos sociais e a emergência de uma nova noção de cidadania. Dagnino, E. (org). **Anos 90 Política e sociedade no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- DALGHREN, Peter ; SPARKS, Colin. **Communication and citizenship** : journalism and the public sphere in the new media age. London: Routledge, 1993.
- FRASER, Nancy. From redistribution to recognition? Dilemmas of justice in a post-socialist age. Justice Interruptus. New York: Routledge, 1997.
- GUTMANN, Amy. Identity in democracy. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2003.
- HALL, Stuart. (Ed.). **Representation** : cultural representations and signifying practices . London: Sage, 1997.
- _____. Quem precisa da identidade? **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. SILVA, Tomaz Tadeu (org). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- HONNETH, Axel. *The struggle for recognition: the moral grammar of social conflicts*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- MAIA, Rousiley C. Moreira. Dos dilemas da visibilidade midiática para deliberação política. In: LEMOS, André. (Org.). **Mídia.Br** : Livro do XII Compós-2003. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- _____. Identidades coletivas: negociando novos sentidos, politizando as diferenças. Texto apresentado na 9a. reunião anual da Compós, Porto Alegre, maio de 2000.
- MARQUES, Ângela. **Da Esfera Cultural à Esfera Política**: a representação de grupos de sexualidade estigmatizada nas telenovelas e a luta por reconhecimento. Dissertação. (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais /Fafich, Belo Horizonte, 2003.
- MARQUES, Ângela; ROCHA, Simone. “A produção de sentido nos contextos de recepção: em foco o grupo focal”. In: *Fronteiras*, vol. VIII, n. 1, jan./abr. 2006a, pp.38-53.
- MEAD, Herbert. **Mind, self and society**; from the standpoint of a social behaviorist. Chicago and London: the university of Chicago Press, 1934.
- MELUCCI, Alberto. *Challenging Codes: collective action in the information age*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- NORRIS, Pipa. **A virtuous Circle, political communication in postindustrial societies**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- RINALDI, Alessandra de Andrade. Marginais, delinquentes e vítimas: um estudo sobre a representação da categoria favelado no tribunal do júri da Cidade do Rio de Janeiro. In: ZALUAR, Alba ; ALVITO, Marcos (Orgs.). **Um século de favela** . Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- ROCHA, Simone Maria. Debate público e identidades coletivas: a representação dos moradores de favela na produção cultural da televisão brasileira. **Intexto**, vol. 14, 2006.
- _____. Favela, soma de exclusões e assimetrias: em busca de uma *mobilidade simbólica* na cena midiática. **Contemporânea**. Revista de Comunicação e Cultura/Journal of Communication and Culture, Salvador, v. 3, p.185-217, 2005.

- SANTOS, Myrian S. dos. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. **RBCS**, vol. 13, n. 38, outubro/98.
- TAYLOR, Charles. The politics of recognition. GUTMANN, Amy (ed). **Multiculturalism**. Princeton: Princeton University Press, 1994.
- THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade** : uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.
- WARREN, Mark. **Democracy and association**. Princeton: Princeton University Press, 2001
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais, Op. Cit.
- ZALUAR, Alba. Inclusão e políticas públicas: dilemas teóricos e alternativas políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** , São Paulo, v. 12, n. 35, 1997.
- _____. **Integração perversa, pobreza e tráfico de drogas** . Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ZALUAR, Alba ; ALVITO, Marcos. Introdução. In: _____.(Orgs). **Um século de favela** . Rio de Janeiro: FGV, 2003.